



# A trajetória dominicana da vida espiritual

*Fr. Juan José de León Lastra, OP*

## A. Considerações prévias

Não é a trajetória histórica da espiritualidade dominicana, mas a trajetória espiritual que cada um há de percorrer segundo a tradição dominicana. Não é trajetória somente para frades, mas para todos. Os frades, com seu estilo de vida particular, devem ser sinais da importância dessa espiritualidade a partir de um conhecimento mais explícito dela. E colocá-la em prática. Trata-se, pois, de ver como avançar hoje na própria espiritualidade à luz da tradição dominicana. Focalizo mais no que poderíamos chamar de atitude subjetiva que nos conteúdos da espiritualidade.

Partamos de que, sem entrar em mais detalhes, espiritualidade é o nome que damos à verdade do que somos. Espiritualidade não se refere simplesmente a espírito, mas a um modo de ser que supera o biológico que o acolhe e dá fundamento; espiritualidade é ser corpo que se transcende sem deixar de sê-lo. A verdade fundante do ser está no mais profundo, somos o que se produz a partir de dentro: de dentro procede ao que moralmente nos define, disse Jesus no evangelho. Por isso, a espiritualidade que brota de São Domingos, aplicável às monjas e frades que funda, não é espiritualidade apenas para frades e monjas. Alguns anos depois de sua morte será espiritualidade de leigos que se interessam por ela e querem assumi-la como própria.

*(Reflexão tomada em parte das ideias do Pe. Schillebeeckx).*

## 1. A espiritualidade dominicana se faz em cada dia

A espiritualidade resume o carisma. Todo instituto ou Ordem religiosa consta de carisma e de instituição. Esta pretende realizar de maneira concreta o carisma. O carisma dá sentido à instituição. Sem ele, a instituição morre, é como uma árvore seca em pé. Sem instituição, o carisma se dilui, não tem consistência. O carisma se apoia em sua espiritualidade.

Acabam por identificar-se. É o nuclear, o essencial do Instituto, a ideia fundacional que, fiel à sua origem, se atualiza. Por isso, podemos falar com o mesmo sentido de espiritualidade e carisma.

Quando nos perguntamos acerca de um carisma ou de uma espiritualidade de nossa Ordem, não buscamos a originalidade – o que nos distingue das outras? – mas sua identidade. Nosso carisma foi original em seus dias, mas ao longo da história, com outros nomes foi incorporado por outras ordens ou institutos religiosos. Não nos deve aborrecer que... nos imitem. “Ser dominicano não é cultivar um jardim próprio, – ao estilo de uma seita –, mas responder com nossa espiritualidade às necessidades dos seres humanos. A isso há de ajustar-se a nossa espiritualidade” (Schillebeeckx).

Digo “ajustar-se” porque a história vai moldando o carisma, sobretudo em suas realizações concretas, a partir da ideia fundacional, que nunca se há de esquecer. “Sem história perderíamos a memória, fracassaríamos ao querer ocupar um lugar no presente e não teríamos esperanças para o futuro. Nossa história está incluída nas amplas histórias da Igreja e da humanidade.”

## **2. Viver hoje a espiritualidade dominicana que brota de S. Domingos**

Do que foi dito se depreende que pode haver mudança de estilo no modo de viver a espiritualidade dominicana. Viver o carisma dominicano não é repetir o estilo de vida dos primeiros frades ou de frades de outros momentos da história. O Vaticano II exigiu a revisão das constituições para a adequada acomodação e renovação da vida religiosa. E o que é próprio dessa vida, como de toda vida, é, a partir do essencial, a acomodação aos tempos e lugares. Isso é diferente de achar que os tempos e lugares, os sinais dos tempos, tão considerados no Vaticano II, sejam a única referência, esquecendo-se do que é consistente ao longo da história: isso seria estabelecer como lugar teológico a moda. Que estaria bem para a aparência, para o circunstancial, mas não para o essencial, o consistente. Ao profundo e consistente é preciso voltar sempre.

## **3. A história nos conduz para viver os momentos presentes**

Por isso, ao falar da espiritualidade dominicana não podemos ficar apenas em seu desenvolvimento histórico, de modo que a sua descrição fosse a soma das circunstâncias próprias da história, mas exige, além disso, ir ao que despertou esse estilo de ser, e ver como vivê-lo nos tempos que correm. E, porque correm, vão mudando sua forma de ser, que pode adaptar-se a costas íngremes que há de se subir com esforço ou descer sem tropeçar, ou por áreas planas que trazem o perigo de levar-nos à rotina, à inércia, ou seja, à espiritualidade débil. Cabe a nós conhecer os tempos para saber como devemos modular a espiritualidade que devemos viver neles.

Toda instituição, e de modo especial quando celebra datas como o aniversário de sua fundação, corre o risco de fazer propaganda de si mesma com belas frases, recordações nostálgicas, e ao mesmo tempo vaidosas, da história de personagens e fatos e crer que isso justifica sua existência nos dias de hoje. Não, é necessário sentirmo-nos impregnados da verdade que a define, para ser fiéis a ela nos tempos atuais. Para isso é necessário aproximarmo-nos da espiritualidade fundacional da Ordem que estava na mente e no coração de Domingos de Gusmão. A conhecemos sobretudo através do que nos narram aqueles que eram próximos a ele, pois ele não escreveu um diário nem expôs em um manual as ideias que o levaram a fundar uma Ordem religiosa, que naquele momento parecia ter um estilo até certo ponto transgressor dos estilos de vida religiosa existente: monges ou clérigos regulares.

## **B. Os primórdios da Ordem nos iluminam**

Schillebeeckx, teólogo dominicano, conta que ele havia se sentido fascinado pela figura de Domingos de Gusmão, devido ao modo como o santo combinou de maneira harmoniosa, o universal e a preocupação pelas circunstâncias concretas nas quais a pregação deveria ter lugar. Era a harmonia do humano e do religioso, deixar Deus ser Deus e ao mesmo tempo conceder a primazia à graça.

No século XIII era necessária uma renovação da vida sacerdotal e da vida monástica. Em 1215 o IV Concílio do Latrão abordou essa questão, de modo separado. Domingos teve em conta a renovação da vida sacerdotal que o Concílio promoveu, e a propôs a seus seguidores já na diocese de Toulouse. Como aponta e sublinha Schillebeeckx, Domingos descobriu um sinal dos tempos nos movimentos cátaros e albigenses que atraíam muita gente; precisamente pela união que realizavam entre pobreza e pregação. Embora a isso juntassem um tom anti-ecclesial e uma visão dura e equivocada da condição humana.

Havia algo a aprender dos hereges: Os hereges, alheios ao estilo feudal institucionalizado na Igreja, mostravam um espírito presente no Evangelho que passava em grande parte despercebido da Igreja institucional, como a presença de Jesus no pobre, sua própria humanidade frágil, exposta ao mando de outrem. Marginalizados na Igreja, e inclusive enfrentados nos espaços mais institucionais, já haviam aparecido movimentos nessa direção. Era preciso ser sensível ao que esses movimentos promoviam a partir dessa atitude anti-ecclesial. São Domingos assim o fez fixando-se nos seguidores imediatos do Mestre, os apóstolos: daí virá a proposta aos que reuniu em torno de si: ser varões apostólicos. Isso deveria ser feito a partir do apreço pela condição humana em sua integridade, que enamorou a Deus até que enviou o Filho para salvá-la, e rechaçar o dualismo cátaro que desprezava o corporal e promovia uma espiritualidade quase angélica, um espiritualismo ascético e irreal, com uma consideração negativa do ser humano; que se fundava em um evangelismo literal, não afastado de certo fanatismo puritano.

Era um desvio na raiz da mensagem de Jesus, na maneira de pregar e de atuar de quem falava de Deus e ao mesmo tempo curava corpos e mentes enfermas; de quem promovia o amor e o compromisso com as misérias da natureza humana: nudez, fome, sede, enfermidade... Para curá-las.

Domingos conhecia bem a vida digna do sacerdote como cônego em Osma, mas talvez lhe impactava mais o estilo de vida dos hereges. A solução tinha que ser viver como os hereges e ensinar como a Igreja. Domingos percebeu que devia pregar não tanto como exercício profissional, para o que se deveria ter autorização oficial de bispos e do Papa, senão antes com um estilo de vida de seguimento de Jesus, em fidelidade radical ao evangelho. Desse modo, unia os problemas que o IV Concílio do Latrão havia considerado como independentes: a vida monástica e a vida sacerdotal. Funda um estilo de vida que rompe estruturas em parte feudais dos mosteiros clássicos, e também de cabidos catedralícios, estruturas tão firmada, por outra parte, numa economia estável, e faz de seus frades itinerantes – mendicantes – da palavra, como faziam os movimentos que estavam surgindo; mas dentro da Igreja, não contra a Igreja. O Pe. Felicíssimo, em seu livro “Ve y predica” desenvolve isso com precisão.

## **C. Estilo de espiritualidade, características**

### **1. Espiritualidade de profundidade**

Sem verdade não existe espiritualidade. Não qualquer verdade, senão a verdade do profundo. A espiritualidade está na linha da vida interior. Sem o cultivo do interior não há vida humana, não há espírito. Eckhart, como repetirá logo Santa Teresa de Jesus, diz que sem vida interior somos gado, quer dizer, irracionais – bestas, diz a santa de Ávila. Sem profundidade interior não há ser humano. A verdade está no interior, cela ou castelo interior de Catarina de Sena e Teresa de Jesus. É a primeira mensagem de uma espiritualidade dominicana ao mundo de hoje: superar o epidérmico, não suprimi-lo, superá-lo; buscar o ser, não o parecer, com tudo o que exige de tempo, paciência, humildade e discernimento. Nem sempre é assim. Por exemplo, no meio religioso se pode confundir espiritual com quem realiza muitas práticas religiosas. A religião pode ser vivida e praticada sem espiritualidade, por razões comerciais, por assim dizer, a fim de conseguir de Deus e dos santos o que desejo, que muitas vezes não coincide com aquilo de que se necessita – Santa Teresa escreveu: “Oh, valha-me Deus, quão insignificantes são nossos desejos para chegar a vossas grandezas, Senhor; quão baixos ficaríamos se fosse conforme a nosso pedir o vosso dar”.

## 2. Maioridade espiritual

Tudo isso exige caminhar até uma maioridade espiritual. No caminho, é preciso superar a tentação a que me refiro: da religiosidade fácil e mercantil, que utiliza a religião para que Deus lhe seja útil, não para ser útil ante Deus; é uma atitude adolescente, incapaz de sair de si mesmo e de seus interesses, considerando-se o centro de tudo e de todos incluindo ao próprio Deus... e a seus santos. Maioridade espiritual é aquela que, recomendando Kant, se atreve a pensar, não só a reproduzir estereótipos espirituais, piedosos. Uma espiritualidade pensada, discernida: espiritualidade adulta. As constituições das monjas dominicanas, as contemplativas, dizem que o ofício litúrgico seja celebrado de modo sucinto e com brevidade para não tirar a devoção. A devoção se distingue das devoções múltiplas, e que às vezes estão em contradição: quanto mais devoções, menos devoção. Devoção é entrega; devoto é o que mais escuta que fala, mais agradece que pede. Espiritualidade de verdade contemplada.

Ouvimos isso tantas vezes! A espiritualidade, a vocação dominicana, se resume em contemplar e comunicar o que foi contemplado. Contemplar é *esse olhar grande e amoroso sobre as coisas*, como alguém definiu. Grande porque precisa de tempo, tempo de silêncio, de concentração de sentidos e energias interiores, em fixar-se no que se contempla. E amorosa, porque sem o amor não se descobrirá o mistério; não nos conduzirá à mística.

## 3. Espiritualidade da mendicância: mendigar a verdade fora da satisfação daquele que sabe tudo

Acorrer a quem pode dar porque tem. (Santa Teresa queria confessores letrados). Sempre com a humildade do mendigo, própria do sábio. Viver mendigando, que dizer: valendo-se das esmolas, que na vida são as inquietudes existenciais que na itinerância mendicante percebe nos demais e deles recebe. Essa qualidade da mendicância amplia o lema dominicano na linha do que logo expressará a Companhia de Jesus: contemplativos na ação. A contemplação da oração e do estudo se enriquece na ação: a contemplação da Palavra de Deus se completa nos sinais dos tempos interpretados a partir do Evangelho. (Distingamos os sinais dos tempos da moda dos tempos). Sempre se é pobre ante a verdade e ante uma vida autêntica. Mendicante, pois, insatisfeito, necessitado dos outros. Longe da autossuficiência de quem tudo sabe; e do paternalismo de quem se vê como que é – perfeito – ante o que não é, ou de quem tem ante o que não tem nada para dar, apenas receber. Temos o exemplo de São Tomás, ao qual vou me referir com frequência nesta exposição, que fez de sua vida a busca e a exposição da verdade, esteja ela onde estiver: “A verdade, seja quem quer que a diga, procede do Espírito Santo, que infunde a luz natural e move a inteligência e a expressão da verdade” (I-II 109 1 ad 1).

Viver para a verdade é viver de verdade. A verdade nos fará livres, ou seja, seres humanos. A verdade que vem do alto, mas também do baixo, da condição humana em sua realização concreta tantas vezes inumana. Nunca esqueçamos a máxima de Paulo VI na *Evangelii nuntiandi*: “ninguém pretenda evangelizar se não se sente evangelizado por aqueles a quem se dirige”. Essa mendicância refere-se a um processonada impaciente nem apressado no interior de cada um: na oração serena e no estudo. Passo a eles.

#### 4. Espiritualidade de estudo e oração

A oração como tempo de escuta da Palavra: orar é antes de tudo escutar a Deus, não lançar-lhe nossos discursos. “Deus já sabe de que precisamos”. Inclusive quando rezamos o ofício divino ou repetimos expressões, como na reza do rosário, se trata de entender o que me dizem esses textos, essas orações...

Escuta de uma palavra que se processa com o estudo e se confronta na vida, como indicamos. Fixando-nos mais concretamente no estudo; é necessário dizer, em primeiro lugar, o que exige tempo. A paciência é necessária; a pressa, contraproducente. Não se deve buscar a primícia ou a imagem que entra pelos olhos e desaparece. A espiritualidade não é de visões ou emoções momentâneas. Porque, como venho insistindo, se apoia na verdade e a verdade não é a notícia do jornal diário que deixa de ser notícia no dia seguinte, e não permite confrontá-la nem busca conformar nosso interior, senão acumular uma curiosidade a mais para ter algo que dizer nas conversas corriqueiras, para estar atualizado. A verdade é peregrinação, itinerância ao ser e ao bem fazer. Verdade e espiritualidade discernidas, dizíamos. Discernir exige não fechar logo os processos de informação: para emitir juízo se exige conhecer o que se julga. Há espiritualidades muito baratas, da mesma credibilidade das receitas prontas que se oferecem como produto de mercado, táticas peculiares de caráter psíquico, que fazem da tática, ou seja, do meio, o essencial, esquecendo os fins. Cada um em seu lugar, sem meios não há fins, mas estes não estão em função daquele: as orações hão de levar à oração; as penitências à penitência; a penitência, quer dizer, o arrependimento, ao propósito de emenda; do mesmo modo, interiorizar em nosso eu deve abrir o caminho para a transcendência.

Tudo isso se vive como sentimento, o sentimento do religioso, antes inclusive da aceitação de uma determinada fé. Em nossa fé o símbolo por excelência é o sacramento. Mas as distintas manifestações religiosas também o são. Por ser símbolo, não tem valor em si mesmo, sua função é significar e causar – no caso do sacramento – outra realidade transbordante e misteriosa, a graça, a presença do Espírito Santo... que nos atrai e configura. À qual devemos nos aproximar sem que o símbolo seja suficiente. Desenvolvo isso porque creio que a espiritualidade dominicana pede o oferecimento de nossa própria espiritualidade.

## 5. Espiritualidade com base teológica e, por isso, antropológica

Aproximar-se dessa verdade humana e divina é a função da Teologia. A Teologia busca uma verdade que reside no mistério, nunca a aprisiona – é mistério –, mas na investigação do mistério encontra o que dá energia e sentido ao viver. A espiritualidade de raiz dominicana alimenta e se alimenta da Teologia. Na perspectiva dominicana sem Teologia não há espiritualidade. Nem tampouco teologia sem espiritualidade. Porque a Teologia não é apenas nem fundamentalmente uma matéria acadêmica, que reserva a sua presença à escola. Tampouco tem como único objetivo ser instrumento para exercer diversas funções ou ministérios na Igreja, como o presbiterado. A Teologia é um modo, o mais autêntico, de se enfrentar a vida, de responder às grandes perguntas que todo homem e mulher se faz sobre a vida, sobre seu ser, sobre o que realmente é. Sim, a Teologia versa sobre Deus, mas sobre um Deus que se revela ao ser humano, não pretende somente descobrir os segredos de sua divindade - de, senão para oferecer o plano de salvação desse ser humano. A Teologia não pretende saciar curiosidades sobre Deus, mas conhecer-se a si mesmo. É no conhecimento de Deus, tal como Ele se nos revela, onde o ser humano descobre o seu autêntico ser e os processos para sua salvação. *“Do conhecimento exato da verdade de Deus depende toda a salvação do homem, que é Deus mesmo”* (ST I, 1,1).

Ao teólogo por excelência da história, Tomás de Aquino, João Paulo II chama *“doctor humanitatis”* – “doutor em humanidade.” A Teologia, por isso, é preocupação de todos, não de um reduzido número de “profissionais”, como a saúde é questão de todos, não só dos médicos. Devemos nos aproximar da Teologia em busca de luz para avançar na resposta às grandes questões de nossa existência, que o filósofo Kant fixava em *o que podemos conhecer, o que devemos fazer, o que nos cabe esperar e, em definitivo, o que é o ser humano*, sabendo que a resposta está em conhecer o plano de Deus, que Ele nos revelou. Essa teologia-espiritualidade é a que o dominicano, a dominicana, dever viver e pregar. Espiritualidade da vida, de aproximação ao essencial do que somos e o que devemos exigir de nós. Como crentes, nossa fé nos aproxima do que Deus nos revelou dele e de quem foi criado à sua imagem e semelhança. Que se faz visível na história em Jesus de Nazaré – verdadeiro Deus e homem –, que *“trabalhou com mãos de homem, pensou com inteligência de homem, atuou com vontade de homem, e amou com coração de homem”*, diz a *Gaudium et spes*, para salvar a condição humana. A verdade sobre Deus nos leva a conhecer a verdade humana, e vice-versa. Não existe espiritualidade à margem dessa verdade. Daí que é uma espiritualidade que tem ao Outro com maiúscula, e ao outro como conteúdo essencial. Daí surgirá a compaixão de São Domingos para com os hereges como resposta à que Jesus de Nazaré demonstrou pelos pecadores. Porém, já indiquei que disso não trato, pertence aos conteúdos da espiritualidade.

## 6. Mística da Teologia

A Teologia responde ao interesse irrenunciável, que há de queimar-nos por dentro, de saber quem somos como apresentarmo-nos diante da vida e da morte, diante de nós mesmos e dos demais, diante da Criação e diante de Deus. É um fogo interior que não pode ser extinto ou domesticado por conhecimentos puramente acadêmicos. Estes são imprescindíveis, mas não têm valor em si mesmo, nem se fecham sobre si mesmos como se o fim único de seu estudo fosse capacitar-se para ensiná-los logo a outra geração de estudantes e assim sucessivamente. Estão ordenados não à escola, mas à vida. Como o que estuda medicina não estuda para ensinar na faculdade de medicina, mas para ajudar a prevenir e restabelecer a saúde.

## 7. Caritas veritatis

Já nos referimos a este como componente simplesmente da espiritualidade. O pregador entra, pois, na economia da salvação, que vem de um Deus que ama. Caridade e verdade. *Caritas veritatis* foi o lema do Beato Cormier, mestre da Ordem no século XX, beatificado por João Paulo II. Amor à verdade e amor sobretudo a quem busca a verdade. É o amor que o induz a estudar, a ensinar, a publicar. São Tomás recolhe na Suma Teológica a objeção, presente em certos âmbitos espirituais, a que houvesse frades dedicados ao estudo, já que o estudo busca ciência e esta infla, busca a superioridade de quem está melhor informado, se opõe à humildade própria dos frades. O Aquinate responde dizendo que essa atitude ante ao estudo é própria de quem não estuda por amor; quem estuda por amor, não o faz para ser superior, mas para servir melhor, e esse é o objetivo do estudo do frade pregador. O amor é o motor da existência humana, somos feitos à imagem do Deus-amor, também da busca da verdade; para buscá-la é preciso amá-la, para buscar a verdade de Deus é preciso amá-lo, para saber do próximo é preciso amá-lo, para saber de nós mesmos e preciso amar-nos. Sabendo que é movimento recíproco e simultâneo, buscar a verdade e amar se alimentam entre si. *“Pelo ardor da caridade se obtém o conhecimento da verdade”* (In Io. Ev. XV, 2).

## 8. São Tomás intérprete da espiritualidade dominicana

Permiti-me demonstrar como o que venho dizendo se reflete em São Tomás, teólogo, filósofo, mestre de espiritualidade. Detenhamo-nos em São Tomás de Aquino e escutemos o que diz de si mesmo: *“Confiando na misericórdia divina, assumi o ofício de sábio, embora tenha clara consciência de que está além das minhas forças, por isso decidi dedicar-me ao estudo e ao ensino da verdade que professa a fé católica, na medida de minhas possibilidades. Vou dizê-lo com palavras de Hilário: tenho bem claro que o dever principal da minha vida é ser consciente de que me devo totalmente a Deus e quero cumprir com este dever de tal modo que não só minhas palavras, senão também todos os*



*meus atos, sejam sinais de uma linguagem que fala de Deus*” (Summa contra Gentiles, I, 2). No capítulo geral de 2001, em Providence College, foi determinado que aqueles que estavam em processo de formação na Ordem deviam conhecer as linhas essenciais de nossa espiritualidade, para o que se lhes exigia um conhecimento de nossos místicos. O primeiro místico que se citou foi São Tomás de Aquino. Tomás de Aquino é exemplo de quem consegue conjugar a teologia e a vida espiritual, ou seja, a vida animada pelo Espírito, frente ao teólogo que se esquece da vida espiritual, da devoção, do coração, para ficar na especulação. São Tomás é uma pessoa de profunda vida espiritual. Entretanto, sua espiritualidade está baseada na teologia, não é uma espiritualidade primária, irreflexiva, conduzida apenas pelo costume. Apaixonado, com uma paixão que também devemos qualificar como mística, por mergulhar na Palavra de Deus como condutora da vida, aplica-se ao estudo sério dela, buscando um meio de acercar-se da riqueza mais profunda. Estudo que é discurso racional somado a *studium*, quer dizer, paixão pela verdade. Razão teológica impulsionada pela mística da Palavra. Palavra humanizada, ou seja, como vimos expondo, inserida nos problemas do ser humano pelo discurso racional. Para isso, ele teve que encontrar um campo de diálogo ou de discussão comum, que foi a filosofia. Antes ainda, São Raimundo de Penyafort havia criado e impulsionado centros de estudos de árabe para conhecer o pensamento dos filósofos dessa cultura e dessa língua.

## 9. A mística da espiritualidade

O Pe. Arintero teria muito o que dizer aqui. É buscar o saber mais que o conhecer se busca o conhecer como caminho para o saber, ou seja, nos acercamos da ciência como caminho da sabedoria. São Tomás não pretendeu que a ciência teológica tivesse a última palavra sobre Deus e o ser humano. Ele experimentou essa insuficiência da teologia, e de uma teologia tão elevada como a sua, no dia de São Nicolau, em uma experiência mística que teve, ante a qual lhe pareceu palha tudo o que havia escrito<sup>1</sup>. Mais ainda, crer na teologia como esforço para saber de Deus, para captá-lo pelo conhecimento, deve ser um passo para sermos captados por Ele, captados afetivamente, sentir-se viver no amor de Deus.

## 10. Espiritualidade de adoração ao Deus-Amor

A adoração não nos separa da visão antropológica da espiritualidade, como se fosse olhar para Deus e esquecer-se dos homens. É a atitude inicial ante o mistério. “*Adorote devote latens deitas...*” – “te adoro deidade oculta” – famoso hino composto por São Tomás para a festa de Corpus Christi, a pedido do papa. Quer dizer: aceitar a transcendência incompreensível do divino; e ao mesmo tempo entender o mistério como o ambiente no qual se vive, se respira. A primeira manifestação

<sup>1</sup> Depois dessa experiência, ordenou a Frei Reginaldo, seu escriba mais familiar, que queimasse todos os seus escritos. Frei Reginaldo desobedeceu o desejo de Frei Tomás, e assim nos chegaram seus escritos.

da linguagem religiosa, diz Martín Velasco, é a exclamação admirada ante a transcendência do divino. O hino, a doxologia, é a primeira expressão da ação religiosa. “O primeiro nível da expressão da fé tem lugar ordinariamente na confissão, no hino, na doxologia que acompanham ao rito como palavra da ação religiosa. No hino há um esforço da fé para ter acesso à claridade da consciência” (Martín Velasco, “La religión en nuestro mundo”, Ed Sígueme, Salamanca, 1978, p. 227). Se nos dizem que a admiração foi o começo da Filosofia, ninguém se atreva a fazer teologia nem a entender de teologia sem essa capacidade, mística, de deixar-se surpreender por aquilo que se intui nas brumas do mistério, mas se sente como real: a presença de Deus e seu projeto para o ser humano. A adoração é própria do teólogo sempre deslumbrado pelas realidades que há de tratar. É a razão última da humildade com a qual há de se fazer teologia. Como falar de Deus, buscá-Lo, experimentá-Lo no processo de busca da verdade e do amor? Pois bem, a adoração não fica no deslumbramento por uma grandeza inaudita, a de Deus; senão porque essa grandeza se põe à disposição de engrandecer o ser humano pelo amor que Deus lhe tem. A mística é questão de amor.

## 11. Espiritualidade, pois, afetiva

Também São Tomás assim nos ensina. A aproximação afetiva, o amor, é atividade mais perfeita, quando se refere ao mais perfeito que nós, a Deus, porque nos une a ele. Entretanto, tentar conhecê-Lo o rebaixa à nossa condição. Por isso é sempre mais perfeito amar a Deus que conhecê-Lo. De modo que a contemplação de Deus, que é sumo bem já para Aristóteles, em São Tomás se converte em contemplação afetiva, carregada de amor (II-II, 23, 6, 108, 6 ad 3; 82,3). Convém recordar as palavras de João Paulo II no discurso no Angelicum por ocasião do sétimo centenário da morte de São Tomás. “Tenho aqui a fonte inspiradora de todo o seu ímpeto de estudioso e qual o impulso secreto de sua doação total como pessoa consagrada. ‘A caritate omnia procedunt sicut a principio et in caritatem omnia ordinantur sicut in finem’<sup>2</sup> escreveu ele (In Io. Ev. XV,2). E, efetivamente, o gigantesco esforço intelectual desse mestre do pensamento foi estimulado, sustentado e orientado por um coração cheio de amor a Deus e ao próximo. ‘Per ardorem caritatis datur cognitio veritatis’<sup>3</sup> (In Io. Ev. V, 6). São palavras emblemáticas que deixam entrever, por trás do pensador capaz dos voos especulativos mais audaciosos, ao místico habituado a beber diretamente na própria fonte de toda verdade a resposta às interpelações mais profundas do espírito humano. Ademais, ele mesmo não confessou que jamais havia escrito nada nem havia dado lições sem antes recorrer à oração?”. Até aqui, João Paulo II.

A fé para abordar o infinito, o mistério, não pode renunciar à ilação conceitual, mas é consciente de que ante o mistério é insuficiente o pensar especulativo e conceitual. Deve-se deixar lugar à intuição e à experiência, ao sentir, não só ao saber.

<sup>2</sup> “Tudo procede da caridade como de seu princípio e tudo se ordena à caridade como seu fim”.

<sup>3</sup> “Mediante o ardor da caridade se obtém o conhecimento da verdade”.

Por isso a contemplação é olhar “amoroso”. Não há mística sem amor. Tampouco espiritualidade. Nisso reside o centro da espiritualidade cristã, porque é o centro da vida de Jesus de Nazaré. Pois esse amor implica, como todo amor, um sair de si mesmo, entender de doação, não de autoafirmação em face dos outros. Implica um fervor ou ardor pela verdade à qual a pessoa se acerca na contemplação e, a partir da espiritualidade dominicana, comunicá-la por amor a essa verdade, a quem a personifica, e a quem ela é oferecida, amar para pregar. Só a verdade amada tem poder de convicção. E ser pregador surge do amor a essa verdade e a quem ela é comunicada. Sem isso não existe espiritualidade dominicana.

## 12. Espiritualidade comunitária

Espiritualidade comunitária: por ser humana, deve estar enraizada na condição humana, que é essencialmente comunitária: a reação com o outro não é uma parte constitutiva da condição humana, como o braço do corpo é parte essencial? Sem ela não existe ser humano como pessoa. Ser pessoa é ser essencialmente comunitário. Entretanto, se desenvolveu na história o individualismo espiritual, arrastado por outros individualismos. Às vezes, por entender que a espiritualidade é um simples produto de um esforço ascético, algo obtido com seu próprio e exclusivo esforço, como ocorre no fisiculturismo, o culto ao corpo. E se chega até a ver a própria espiritualidade competindo com a dos outros. Reprodução também do liberalismo econômico, aplicado ao espiritual. A expressão que nós dominicanos utilizamos: *“In dulcedine societatis quaerere veritatem!”* – *“Na doçura da companhia buscar a verdade”*.

A comunidade que mergulha no espiritual está reunida por atração e se relaciona com doçura, como diz o texto latino. É o grupo com o qual se estuda com gosto e compartilha-se a verdade. Por um lado, com a humildade própria de quem sabe que se introduz numa verdade que nos supera; e por outra, que ninguém pode apropriar-se do Espírito Santo. A companhia na busca deve ser dos contemporâneos, mas também dos que a buscaram antes de nós, quer dizer a comunidade dos que nos antecederam, nos diversos tempos. Caetano, o grande comentarista de São Tomás, dizia que o estudo dos autores anteriores permitiu a São Tomás ter conhecimento de todos eles. Em uma ciência que parte da revelação e se transmite por tradição, é necessário estar atento a essa tradição. Formamos comunidade com aqueles que nos precederam já faz oitocentos anos, e construímos comunidade para acolher aos que venham depois de nós.

## 13. Espiritualidade da pregação dominicana

Pregação dominicana, não dos dominicanos e dominicanas apenas, mas de quem quer educar, aconselhar, proclamar a verdade da fé. Ser pregador: estar e ser. A pregação de São Domingos se baseou em estar ali onde estava a necessidade de evangelizar. Implicava sair do mosteiro, em seu caso, do cabido catedralício, e inserir-se no âmbito do povo ameaçado pelo erro. Foi um passo decisivo e difícil.

Pregação de proximidade, pregar convivendo, deixando-se ver. E ao deixar-se ver, deixar-se interpelar e ser perseguido. Pregação de confrontação da palavra com a vida. Sempre a partir do amor a quem se dirige e com quem compartilha o espaço e o tempo. O deixar-se estar se generalizou como atitude evangelizadora e hoje se insiste que pregar é partilhar ideias e vida; se o convento tem algo de *fuga mundi* é para ser *conversio ad humanitatem*. Se insistir, e sempre será pouco, que é necessário estar nos meios de comunicação social, literalmente, dar a cara, deixar-se ver, ser imagem, ser sinal visível: sem visibilidade se é inoperante. Domingos deixou-se ver e deixaram-se ver os grandes missionários da América que saíram desta casa e os que lutaram pelos direitos humanos se deixaram ver na Universidade. Porém, não estar de qualquer modo: antes de tudo não basta estar, é preciso ser. Essa distinção maravilhosa de nossa língua entre ser e estar, que não se encontra em outras, nem sequer no pai latim, é necessário preservar. E mais ainda em nosso tempo, como venho indicando, tempos de fachadas, de imagem. A luz que oferece o pregador não deve ser um simples reflexo, como uma luz que se recebe e se transmite, mas deve ser processado interiormente, ser rezada, discernida e vivida. Assim a palavra se enche de autenticidade e vai acompanhada da vida; não está vazia, não apenas deslumbra, mas ilumina. Alguém a experimentou previamente.

Se a espiritualidade é comunitária, a pregação, parte essencial da espiritualidade dominicana, há de ser comunitária: é a comunidade de São Domingos que prega pela palavra de Montesinos; o dominicano deve se esforçar em superar o individualismo de quem toma a palavra, a cátedra, a publicação como assunto individual para se sentir enviado pela comunidade: ela prega com a voz dela, ensina com sua palavra, escreve com sua pena. Nela bebeu e experimentou o que anuncia e ela é quem deve falar, sem que isso suponha anular sua singularidade. Isso não oculta que a comunidade é formada por pessoa distintas e diversas que têm em comum vida, objetivos e afetos.

Todo crente que prega, ensina, aconselha, orienta, deve perceber-se fazendo-o a partir de uma Igreja que recebe essa missão do próprio Cristo, não à margem dela.

**Termino:** Não inventamos nossa espiritualidade, a recebemos matizada por oitocentos anos de história, sensíveis ao que é bom de nosso tempo e confiantes em sua eficácia futura. Se for relevante no momento em que surgiu a Ordem, cremos que vale a pena considerá-la também em nosso tempo.

**Copyright© Ordem dos Pregadores - Frades Dominicanos.** Todos os direitos autorais e outros direitos de propriedade intelectual estão reservados aos Frades Dominicanos. Permite-se a reprodução desta publicação, citando a fonte (<http://www.dominicanos.org.br>) porém, sem nenhuma alteração do conteúdo e sem comercialização do mesmo.